

POSSIBILIDADES DAS ATIVIDADES CIRCENSES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

RONALDO CESAR SANTOS DE OLIVEIRA

Secretaria Estadual de Educação (SEDU), Vitória, Espírito Santo - Brasil
ronaldoesfa@yahoo.com.br

MARILSON DA COSTA SIMÕES

Escola Superior São Francisco de Assis (ESFA), Santa Teresa, Espírito Santo - Brasil
marilsongu@hotmail.com

RAFAEL FREISLEBEM GOMES

Prefeitura Municipal de Afonso Cláudio (PMAC), Afonso Cláudio, Espírito Santo - Brasil
rafaell_gomes@hotmail.com

KEFREN CALEGARI DOS SANTOS

Instituto Federal Espírito Santo (IFES), Vitória, Espírito Santo - Brasil
kefren@terra.com.br

INTRODUÇÃO

Respeitável público, orgulhosamente apresentamos um dos maiores espetáculos da escola. Com vocês, as atividades circenses (AC)!

Neste trabalho¹, dissertaremos sobre as AC buscando compreendê-las como conteúdo do componente curricular Educação Física Escolar (EFE).

O interesse pela realização deste trabalho surgiu das vivências num Curso de Extensão em AC, direcionado ao curso de Educação Física (EF) da Escola São Francisco de Assis (ESFA), em Santa Teresa, Espírito Santo - Brasil, em 2007. Logo percebemos uma ótima possibilidade de tratarmos este conteúdo nas aulas de EFE, de forma a incorporá-lo ao conjunto de práticas pedagógicas da escola, sistematizando seus conhecimentos e saberes pertinentes em forma de ensino. Mas, apesar de ser um conteúdo interessante e empolgante de ser trabalhado nas aulas de EF, tais atividades são pouco exploradas no âmbito escolar (DUPRAT, 2007; BORTOLETO; DUPRAT, 2007; BORTOLETO; MACHADO, 2003). Desse modo, ao desejo de desenvolver tais atividades na escola, acrescentou-se o interesse em investigar os limites e as possibilidades do seu ensino nas aulas de EFE.

Podemos dizer que as AC envolvem e encantam crianças, adolescentes, jovens e adultos e pode representar um diferencial ao serem inseridas aos conteúdos da EFE. Portanto, um trabalho desta natureza se torna uma oportunidade de investigar, apresentar e discutir a possibilidade da incorporação destas atividades na EFE e, quiçá, lançar pistas para professores da área que desejam o desenvolvimento deste conteúdo em suas aulas².

No que se refere à metodologia, trata-se dum trabalho de natureza qualitativa por ter o ambiente natural como fonte direta de dados, o pesquisador como instrumento e supor o contato direto e prolongado deste com o ambiente e a situação investigados (LUDKE; ANDRÉ, 1986). Embora possa ser caracterizado ainda como um relato de experiência, orientamo-nos por meio de alguns elementos da pesquisa-ação. Ela está articulada a uma ação ou prática, em situações nas quais se exige o envolvimento ativo do pesquisador em todo o processo de pesquisa, bem como a ação coletiva por parte de todos os grupos envolvidos no problema, de modo a buscar uma relevância prática para a pesquisa (ENGEL, 2000).

A produção e coleta dos dados se deram durante nossa intervenção realizada nas aulas de EF no Estágio Supervisionado Escolar III, realizado na Escola de Educação Básica ESFA³. Os

¹ Trata-se de uma síntese do Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura Plena em Educação Física realizado na ESFA e orientado pelo Professor Kefren Calegari dos Santos em 2008.

² As pistas que pretendemos lançar, não desconsideram a produção de conhecimentos/saberes que muitos professores constroem cotidianamente na escola. Este trabalho pretendeu ser uma humilde contribuição a todos que buscam refletir, criticamente, conteúdos inovadores na EFE.

³ No mesmo local, mas em turnos distintos, a ESFA oferece os níveis de ensino básico (Ensino Fundamental e Médio) e superior. É uma instituição de ensino vinculada ao Serviço Social Educacional Beneficente - SESEBE, da

sujeitos desta pesquisa foram os alunos da sexta e oitava séries, a professora de EF e os autores deste trabalho. As aulas ocorreram de abril a junho de 2008, totalizando vinte e quatro por turma. Os dados produzidos foram coletados por meio de observações sistemáticas (anotadas num diário descritivo-reflexivo), questionários aplicados aos alunos e à professora, além do registro fotográfico e a gravação em vídeo de algumas aulas.

A partir da reflexão e discussão coletiva sobre esses dados produzidos/coletados com os sujeitos da escola, o professor da disciplina Estágio Supervisionado Escolar III e o orientador do Trabalho de Conclusão de Curso, é que chegamos aos resultados deste trabalho. Nosso processo de reflexão foi/é contínuo, não há data para terminar. Apresentar este trabalho, por exemplo, é uma proposta de continuidade das nossas reflexões e discussões.

EDUCAÇÃO, ESCOLA, EDUCAÇÃO FÍSICA E ATIVIDADES CIRCENSES

Ao tratar das AC na EFE, bem como dos limites e possibilidades da inserção das mesmas, buscamos inicialmente refletir sobre a educação, o papel da escola na sociedade, a EF na escola e as AC como um de seus conteúdos de ensino.

Percebemos a educação como indispensável no processo de desenvolvimento humano por permeia as relações sociais, econômicas, políticas e culturais dos indivíduos numa sociedade e implicar concepções de mundo, ideais, valores, modos de agir, que se traduzem em convicções ideológicas, frente a situações reais e desafios da vida (LIBÂNEO, 1994).

Nesta perspectiva, pensamos que a educação é um processo amplo, uma vez que várias instâncias da sociedade exercem a função de educar: a família, a igreja, o trabalho, o lazer, os meios de comunicação, mesmo que a ação educacional desenvolvida por esses grupos seja informal, no sentido de não obedecer a regras explícitas nem ser submetida a rígido controle externo. Porém, é na escola que acontece a educação formalizada, pois o ambiente escolar, nos seus tempos e espaços, difunde os saberes e conhecimentos necessários e essenciais ao homem e a sua cultura. Portanto, a educação desenvolvida na escola é formal (organização) e contínua (processos pedagógicos), e pressupõe uma equipe pedagógica, de profissionais capacitados e preparados para o exercício de funções específicas que atenda as demandas do ambiente interno e “externo” à escola.

Ao refletirmos sobre a educação e a escola é importante ressaltar o papel das disciplinas no ambiente escolar para o desenvolvimento/conhecimento dos alunos. Dentre estas, a EF possui um papel importante na formação humana destes indivíduos, quando lida pedagogicamente com as práticas da cultura corporal buscando democratizá-las e refleti-las criticamente no processo de vivência, construção, reconstrução e sistematização de conhecimentos, habilidades, atitudes, valores pelos alunos (SOARES et al., 1992).

Neste trabalho, alguns elementos da proposta teórico-metodológica para a EF intitulada de “crítico-superadora” ou proposta da “cultura corporal” (SOARES et al, 1992) são considerados como fundamentais para legitimação da EFE e referência para este trabalho. Primeiramente, consideramos que a EF está configurada com temas ou formas de atividades, particularmente corporais, como jogo, esporte, ginástica, dança ou outras que constituirão seu conteúdo – dentre elas acrescentamos as práticas corporais relacionadas às AC. O estudo desse conhecimento visa apreender a expressão corporal como linguagem disposta sua intencionalidade para o lúdico, o artístico ou outros. Portanto, os elementos da cultura corporal são partes integrantes desta diversidade cultural construída pelo homem, que historicamente foi sendo incorporada à EF como seus conteúdos de ensino, sendo possível conhecer, entender, resgatar, elaborar e reelaborar. Enfim, dentro do universo da cultura corporal, entre tantos outros conhecimentos, as AC, que há séculos produzem fascínio e encantamento, são potencialmente um conteúdo riquíssimo a ser desenvolvido nas aulas de EFE.

Ao tratarmos as AC devemos considerar os contextos: histórico, social e cultural no qual elas apareceram e organizaram-se. Diversas manifestações circenses surgiram aleatoriamente

em diferentes sociedades e culturas, muitas vezes ligadas a manifestações religiosas, festivas ou de treinamento para guerra. Estas atividades promoviam possibilidades diversas, tais como: desafios dos próprios limites corporais, formas de oposição a ideologias vigentes, constituição numa forma de encontro e lazer à comunidade (VIVEIROS DE CASTRO *apud* BORTOLETO; MACHADO, 2003). Ao longo dos anos, parte de povos destas sociedades migrou para outras localidades no próprio continente de origem e até mesmo para outros. Principalmente na Europa, estes imigrantes exibiam suas habilidades como entretenimento em que o corpo era o centro do espetáculo e a multifacetada atuação de seus artistas servia às diversas classes sociais e, muitas vezes, como meio de sustento próprio. Em muitos lugares este tipo de espetáculo não encontrava espaços adequados, mantendo-se ao ar livre; em outros foram surgindo às arenas cobertas (tendas) que com o tempo ganharam projeções, espalhando-se por todo o mundo, com o predomínio dos circos móveis e dos grandes circos. Foi entre os séculos XVIII e XIX que o circo “apareceu” e se estruturou como arte com entidade própria, apesar de grande parte desses saberes terem sido elaborados ao longo de milhares de anos (BORTOLETO; DUPRAT, 2007).

A cultura circense sofreu modificações profundas, abrindo-se às demais expressões artísticas (música, danças, teatro, teatro gestual, mímica, etc.), possibilitando a inserção e o ensino do circo em escolas especializadas. Consequentemente, a transmissão dos saberes circenses, sua sistematização e aplicação possibilitaram ainda considerar o circo um conteúdo possível de ser desenvolvido no contexto educacional, assim como já se fazia com outras artes do corpo (BORTOLETO; DUPRAT, 2007).

Além disso, algumas manifestações do circo têm certa evidência em nossa sociedade e cresceu, gradativamente, em vários ambientes: festas, parques, boates (“baladas”), festas infantis, academias, ONGs e entidades assistenciais, hospitais e clínicas (DUPRAT, 2007). Porém, não podemos esquecer que as AC vêm sendo muitas vezes apropriadas e tratadas como objetos de consumos e frequentemente midiaticizadas⁴.

Todas estas expressões artísticas fazem parte da cultura, e sendo a escola o lugar de transmissão, produção e reprodução de saberes, conhecimentos e cultura, as AC constituem parte do patrimônio cultural da humanidade. Portanto, é necessário considerar a escola como um ambiente onde o aluno tenha a possibilidade de aprender, vivenciar e ‘saborear’, ao máximo, experiências culturais que contribuam para a sua formação e possibilitem a diversificação e a significação do conhecimento tratado nestes ambientes educativos.

BREVE RELATO/REFLEXÃO DA EXPERIÊNCIA COM ATIVIDADES CIRCENSES NA ESFA

Na escola, fomos acolhidos com entusiasmo pela professora de EF e pelos alunos e enfocamos o planejamento na diversidade cultural das AC, buscando mesclar malabarismos, ginásticas, equilíbrios e cordas. Utilizamos a quadra de esportes, a sala de lutas e o pátio da escola para desenvolvermos as aulas.

Inicialmente apresentamos o cronograma das atividades aos alunos e diagnosticamos o conhecimento e vivências deles a respeito destas. Depois apresentamos vídeos do *Cirque du Soleil* e eles se mostraram muito interessados. Ressaltamos que as vivências permeariam desde movimentos mais livres, espontâneos e lúdicos, até movimentos técnicos.

Tratamos então alguns movimentos ginásticos presentes no circo: rolamentos (para trás, frente, lado etc.), paradas de mãos, estrelas, rondadas, pirâmides, formações acrobáticas e saltos mortais, enfatizando as diferenças e as aproximações existentes entre estes movimentos e a ginástica desportiva.

Nas aulas seguintes, construímos os objetos necessários ao malabarismo. Utilizamos materiais de baixo custo e até mesmo recicláveis. Vários objetos foram produzidos: lenços, bolas, aros, *devil stick*, *swing*, *swing poi*, etc. Estas atividades revelaram e estimularam o companheirismo, a criatividade e o engenhismo dos presentes neste processo.

⁴ Por exemplo, o *Cirque du Soleil*, espetáculo que encanta platéias de todo o mundo e envolve várias artes, tais como música, dança e teatro, por meio de mega-shows.

Introduzimos a prática com os malabares e abordamos lenços, bolas e aros, seguindo o critério de movimentos mais simples aos mais complexos. Começamos com os lenços porque permitem melhor controle motor e o entendimento da mecânica dos movimentos, pois sua “flutuabilidade” é maior. Já com as bolas envolvemos elementos mais técnicos devido à complexibilidade dos movimentos (cascata e circular), mas também porque acreditávamos que a maioria conseguiria realizá-los, pois com os lenços eles já haviam conseguido e assim podíamos ampliar os desafios. Com os aros, porém, poucos alunos conseguiram êxito. Com o *devil stick* poucos alunos compreenderam os movimentos básicos quando tratados de maneira mais técnica, então propomos atividades lúdicas e jogos, para que os alunos alcançassem sucesso e destacamos a persistência e o empenho deles. No trabalho com *swing / swing poi* exploramos a criatividade dos alunos e os deixamos livres para manusear e inventar movimentos e depois transmiti-los aos colegas. Por fim, abordamos e demonstramos movimentos simples buscando estimulá-los a novas idéias. Percebemos o desenvolvimento da criatividade e autonomia dos alunos e a apropriação dos conteúdos.

Tratamos ainda dos equilíbrios (com perna-de-pau, rola-bola e de objetos), em forma de circuitos. Cada um dos estagiários ficou responsável por uma “base” pelas quais os alunos organizados em três grupos fizeram rodízio. O interesse pelas atividades aumentou a cada troca de local e eles se mostraram eufóricos e estimulados a aprender mais. Mais uma vez o caráter lúdico sobressaiu-se e todos conseguiram êxito na realização das atividades.

Finalizamos nossa intervenção trabalhando com as cordas. Variamos as atividades utilizando-se de uma, duas, três e até quatro cordas durante as brincadeiras e depois refletimos e discutimos as aulas num contexto geral e propomos aos alunos a elaboração duma coreografia que pudesse sintetizar o aprendizado e o desenvolvimento deles durante as aulas. Eles aceitaram e explicamos que poderiam utilizar todos os conteúdos e materiais utilizados durante a intervenção. Deixamo-os livres para criarem as apresentações e nos dispomos a ajudá-los em horários alternativos às aulas deles.

Solicitamos à direção escolar um dia (com data e horário) em que toda a escola e a comunidade (família, amigos, etc.) pudessem acompanhar a apresentação. No “grande dia” os alunos chegaram cedo e nos surpreenderam, pois esperávamos simples apresentações. Mas logo se vestiram, maquiaram e aqueceram como autênticos artistas circenses.

O palco estava armado, o público tomou o seu lugar, os artistas preparados. Lá também estava o locutor: “*Respeitável público! Bom dia! Bem-vindos ao grandioso espetáculo circense! Com vocês os artistas da ESFA!*”. Foram seis apresentações com muita diversão, alegria, entusiasmo e qualidade estético-simétrica (não era o objetivo, mas eles se superaram). Os grupos incluíram músicas, danças, teatro (cômico), mímicas às suas apresentações e contagiaram os espectadores que aplaudiam, registravam os momentos com fotos e vídeos, vibravam muito. Após as apresentações, ressaltamos o empenho e a dedicação dos alunos e da professora de EF a todos os presentes e a importância da EFE abrir-se a “novos” conteúdos. Também observamos: muitos abraços apertados, pais e filhos orgulhosos, Direção Escolar pedindo nossa intervenção, com o Ensino médio e alunos e professora de EF muito agradecidos conosco. Ficamos realmente muito felizes por contribuirmos à festa circense.

ANÁLISES E RESULTADOS

Embora consideradas experiências exitosas de maneira geral, não o foram sem algumas dificuldades, tanto para os alunos como para nós, professores em formação inicial.

Em todo o processo, mesmo que de modo mais isolado e com maior ou menor frequência em cada um dos momentos, algumas atitudes foram percebidas. Numa síntese, podemos apontar que essas se referiram, principalmente, a: não participação de alguns alunos em determinadas atividades propostas e certo descaso ao confeccionar o material necessário às aulas; receios, medos e inibição em participar de atividades que evidenciavam seus próprios movimentos; dispersão durante atividades individuais; certos pré-conceitos e resistências ao conteúdo. Por outro lado, nós também sentimos alguma dificuldade em estimular e orientar os

alunos que não conseguiam realizar as atividades, principalmente diante da complexibilidade de alguns movimentos; dificuldades em mobilizar a atenção daqueles que manifestaram certos pré-conceitos e resistências ao conteúdo; e, mesmo, certa dificuldade inicial de sistematização e organização do conteúdo proposto na forma de um plano de ensino.

Para além dessas dificuldades, porém, identificamos diversas possibilidades no ensino-aprendizagem dessas atividades das aulas de EF: a confecção de materiais nos pareceu algo interessante e muito rico em articulações e aprendizagens dos saberes/conhecimentos das AC. A contextualização e a articulação desses saberes/conhecimentos também foram percebidas, por meio das reflexões e relações entre os artistas de rua, os circos itinerantes e os mega-shows, etc. Percebemos ainda o progressivo desenvolvimento da coletividade e a colaboração mútua entre os alunos, bem como da autonomia, criatividade, responsabilidade e persistência. Percebemos a cada aula a superação de medos e individualismos e a vivência solidária, alegre e expressiva, com muitos momentos de incentivos e colaborações. Acreditamos que houve um processo de ensino-aprendizagem contínuo em que, apesar de várias dúvidas e questionamentos nossos, prevaleceu na maioria das vezes o diálogo entre professor e alunos.

Os estudos, as discussões e as reflexões realizados contínua e coletivamente nos diferentes momentos da pesquisa-ação nos possibilitaram sistematizar e compreender melhor a experiência vivenciada e, ainda, questionar a propalada resistência dos alunos a conteúdos “inovadores”⁵ que, em certa medida, também esteve presente no início das nossas aulas.

Foram comuns frases dos alunos que apontavam para alguma resistência ao conteúdo proposto: *“Porque que temos que fazer isso?”*, *“Eu não vou ser artista!”*, *“Nem vou trabalhar em circo!”*. Acreditamos que a resistência é algo comum no decorrer de um processo novo para as pessoas. Considerando os alunos, ela vem acompanhada de impactos e tensões, imbuída, neste caso, de pré-conceitos e limitações que de certa forma são construídos ao longo de suas vidas, principalmente por não considerarem algumas atividades, como as circenses, pertencente à EF. A este respeito considerou a professora de EF que *“[...] as resistências ocorridas são (foram) normais, como acontece com qualquer novidade proposta. São frutos da ‘educação física igual à bola’, ainda presente entre os alunos”*.

Percebemos um processo ambíguo, em que as resistências aparecem ao mesmo tempo em que existe certa predisposição da parte dos alunos para conteúdos e aulas considerados “inovadores”, pois a falta de um repertório maior de possibilidades de conteúdos da cultura corporal pode causar também descontentamentos, insatisfações e também resistências. Uma pesquisa do Laboratório de Estudos em Educação Física - LESEF do CEFD/UFES, realizada entre 1997 e 1998 nas escolas estaduais do Estado do Espírito Santo, constatou que

[...] Entre os alunos do 1º grau, 42,7% entendem não ser necessária nenhuma mudança, contra 57,3% que ao contrário, almejam mudanças nas aulas de Educação Física (EF). Entre os alunos de 2º grau o nível de satisfação é um pouco menor (37,3%), contra 62,7 % que estão insatisfeitos com suas aulas. **O principal objeto do descontentamento é o conteúdo (21,7%), e isto, fundamentalmente na direção de que deveria haver um leque maior de atividades** [...] Este aspecto é interessante porque indica o interesse do aluno em adquirir um amplo repertório esportivo ou dominar várias práticas do âmbito da cultura corporal de movimento o que é muitas vezes negado pelos professores (DIAS et al., 1999, grifos nossos).

⁵ Estamos denominando “inovador”, conteúdos que não são trabalhados comumente nas aulas de EFE (Ex: Atividades Circenses, Esporte de Aventura, Esportes com Raquete etc.). Mazoni (2001) utiliza o termo para designar as propostas político-pedagógicas que apresentam mudanças significativas na organização do trabalho pedagógico e no trato com o conhecimento na escola.

São claras as referências a uma saturação, a um esgotamento, por parte dos educandos, do tradicional modelo esportivo (com práticas repetitivas) e hegemônico que, ainda hoje, gera resistências e insatisfações no interior da escola (OLIVEIRA, 1999). Então, pensamos que cabe ao professor conhecer e abordar os diversos conteúdos da cultura corporal e, para tanto, é necessária uma formação inicial e continuada qualificadas, que considere o professor e também os alunos como sujeitos do processo de ação/reflexão e contribua para seu protagonismo dentro de sua cultura. Quando isso ocorre, acreditamos que os alunos deixam de ser meros participantes e, tendo seus pensamentos e ações respeitados e acolhidos, os desafios advindos durante o processo de ensino e as resistências iniciais enfrentadas tornam-se potencialmente momentos de crescimento, tanto para si quanto para professores. Cabe considerar que

As aulas de Educação Física não acontecem em um local abstrato. Acontecem e são realizadas por sujeitos concretos, reais, possuidores de histórias de vida e, sobretudo, de um corpo. É nessa vida real e concreta de alunos e alunas que estão as marcas que constituem suas identidades pessoais e coletivas. (BRASIL, 2006, p. 220-221).

Acreditamos que a socialização do saber em EF deve ser a partir de um leque significativo de possibilidades de vivência da cultura corporal que possam ser elemento de conhecimento e novas aprendizagens, como pode ser (e foi) o caso da inclusão do conteúdo AC. A EF tem um saber-fazer constituído de vivências corporais, habilidades, mas também possui um saber-fazer em que está permeado de conhecimentos de diversas ordens (BRASIL, 2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo em meio a dificuldades e limites descobrimos que há possibilidade de incorporar as AC como conteúdo de ensino nas aulas de EF, parte integrante da cultura corporal. Os limites e desafios destes conteúdos podem ser superados com o estudo, o planejamento e a criatividade do professor, mas, sobretudo pela abertura ao diálogo e a aprendizagem cotidiana.

As maiores contribuições deste conteúdo estão relacionadas à abertura dos alunos em acolher outras práticas da cultura corporal, se proporcionadas; entender o professor como mediador e desafiador que desestabiliza o aluno tornando-o sujeito de sua própria aprendizagem; a alegria e a ludicidade nas aulas; o desenvolvimento da criatividade.

Esta pesquisa-ação, além de proporcionar o estudo e desenvolvimento deste conteúdo também é uma oportunidade de estimular a ampliação e democratização de outros conteúdos que fazem parte da cultura corporal e que muitas vezes não são desenvolvidos em nossas práticas pedagógicas.

No processo histórico de auto-afirmação pelo qual passa a EF, precisamos fazer dos tempos e espaços de nossas aulas momentos de criação, alegria, afetividade, expressão corporal, conhecimento, lugar de formação de sujeitos autônomos, conscientes de sua contribuição dentro dos ambientes em que estão/estarão inseridos.

Esperamos que tenham gostado! Voltem sempre ao espetáculo! Prestigiem as AC sempre que tiverem oportunidade!

AUTOR PRINCIPAL

Ronaldo Cesar Santos de Oliveira

Rua Arapuê, 191, Residencial Centro da Serra – 29179-190 – Serra, Espírito Santo/ Brasil

Telefones: (27) 32915220/ (27) 98497661 – E-mail: ronaldoesfa@yahoo.com.br